

O CONHECIMENTO E A OPINIÃO DE MULHERES SOBRE PLACENTOFAGIA

WOMEN'S KNOWLEDGE AND OPINIONS ABOUT PLACENTOPHAGY

Ana Flavia Rangel Diniz dos Santos¹, Maria Laura Costa Araújo¹, Ana Lúcia da Costa Guimarães²

¹Discente do curso de Enfermagem - Centro Universitário FUNVIC, Pindamonhangaba, SP

²Mestre, Docente do curso de Enfermagem - Centro Universitário FUNVIC, Pindamonhangaba, SP

* Correspondência: enfermeiracosta@terra.com.br

RECEBIMENTO: 28/08/2025 - ACEITE: 15/10/2025

Resumo

A placentofagia humana ocorre quando a mãe consome a placenta depois do parto. Tal prática ganhou popularidade depois de relatos de celebridades que ingeriram a própria placenta crendo em seus possíveis benefícios. A placenta tem sido consumida in natura, cozida, assada, desidratada, encapsulada ou através de vitaminas. O presente estudo teve como objetivo verificar o conhecimento e a opinião de mulheres sobre placentofagia. Trata-se de um estudo qualitativo de caráter exploratório realizado com 36 mulheres. As entrevistas, semiestruturadas, foram realizadas de forma presencial ou por meio de chamada de áudio ou de vídeo via whatsapp, de acordo com a escolha de cada entrevistada bem como do local onde residia. As respostas foram gravadas em aparelho celular, transcritas e depois deletadas. Foi utilizada a análise de conteúdo indutiva. Concluiu-se que há mulheres que gostariam de levar a placenta para casa depois de partos realizados em hospitais ou em salas de parto, porém a maioria não levaria para a prática da placentofagia. O consumo de placenta in natura e em capsula foram os mais citados, todavia a minoria das mulheres consumiria a própria placenta e a maioria não acredita na existência de benefícios na prática da placentofagia.

Palavras-Chave: Placenta; Saúde da mulher; Período pós parto.

Abstract

Human placentophagy occurs when the mother consumes the placenta after giving birth. This practice gained popularity after reports of celebrities who ingested their own placenta believing in its possible benefits. The placenta has been consumed in natura, cooked, baked, dehydrated, encapsulated or through vitamins. The present study aimed to verify the knowledge and opinion of women about placentophagy. This is a qualitative exploratory study carried out with 36 women. The semi-structured interviews were conducted in person or through audio or video calls via whatsapp, according to the choice of each interviewee and the place where they lived. The answers were recorded on a cell phone, transcribed and then deleted. Inductive content analysis was used. It was concluded that there are women who would like to take the placenta home after births performed in hospitals or in delivery rooms, but most would not take it home to practice placentophagy. The consumption of placenta in natura and in capsules were the most cited, however, the minority of women would consume their own placenta and the majority do not believe in the existence of benefits in the practice of placentophagy.

Keywords: Placenta; Women's health; Postpartum Period.

Introdução

A placentofagia humana consiste no consumo da placenta pela mãe após o parto. Essa prática vem sendo estudada desde a década de 1950, principalmente nos Estados Unidos, e sua popularidade parece ter aumentado nas últimas décadas. Não se conhece registros de ocorrência de placentofagia entre humanos em outros períodos históricos ou culturais, embora o comportamento seja bastante observado entre outros mamíferos.¹

O interesse atual pelo consumo de placenta ganhou visibilidade após relatos de celebridades que divulgaram a ingestão da própria placenta crendo em seus possíveis benefícios à saúde. Desde então, profissionais da saúde têm se deparado com mulheres que solicitam a placenta para consumo próprio.²

Algumas mulheres aderem à placentofagia motivadas pela crença em benefícios ainda não comprovados cientificamente. Entre os supostos efeitos estão a prevenção ou amenização da depressão pós parto, o aumento dos níveis de ferro no organismo materno, a melhora do humor, o aumento da energia e da produção de leite, bem como a aceleração na recuperação da puérpera.^{2,3}

A placenta tem sido consumida de diversas formas, como in natura, cozida, assada, desidratada, encapsulada ou incorporada em vitaminas, sendo que o encapsulamento - após cozimento a vapor e desidratação - o método mais corriqueiro.⁴

Do ponto de vista biológico, a placenta é um órgão materno-fetal temporário, constituído por duas partes: a porção materna, que deriva do endométrio, e a porção fetal, originada de parte do cório, que se liga ao feto por meio do cordão umbilical. Sua função envolve a troca de metabólitos, nutrientes e gases, a eliminação de excretas fetais, além de atuar como barreira hemato-placentária e na produção de importantes hormônios para a manutenção da gestação e preparo para o parto. Após nascimento, a placenta é expelida naturalmente ou removida durante a cesariana.⁵⁻⁷

Diante desse contexto, o presente trabalho teve como objetivo verificar o conhecimento e a opinião de mulheres sobre placentofagia humana.

Método

Trata-se de um estudo qualitativo de caráter exploratório realizado com 36 mulheres. O estudo foi submetido, analisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sob o parecer nº 6.882.120 em 11 de junho de 2024, e ocorreu nos meses de janeiro a maio de 2025.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, compostas por quatro perguntas, conduzidas de forma individual, em dia e horário definidos pelas participantes. As entrevistas poderiam ocorrer de forma presencial ou por meio de chamadas de áudio ou vídeo via aplicativo whatsapp, conforme a preferência e local de residência da entrevistada.

As quatro perguntas realizadas foram as seguintes:

- Se você tivesse um filho em hospital ou sala de parto, gostaria de levar a placenta para casa?
- Você já ouviu falar em placentofagia humana, ou seja, em mulheres que ingerem a própria placenta depois do parto e, se pudesse, você desejaría consumir a própria placenta?
- Você tem conhecimento sobre as formas que a placenta pode ser consumida?

- Você acredita que existam benefícios para as mulheres que consomem a própria placenta?

Todas as entrevistas foram gravadas em aparelho celular, transcritas integralmente e, em seguida, os arquivos de áudio foram deletados. O material resultante foi submetido à análise de conteúdo indutiva.

Antes do início de cada entrevista, foi apresentado às participantes o objetivo do estudo, e a participação ocorreu após o consentimento.

Foram incluídas mulheres brasileiras, com idade entre 18 e 59 anos, residentes no Brasil ou em outro país. Foram excluídas mulheres menores de 18 anos, com idade superior a 59 anos ou de outras nacionalidades.

Resultados

A amostra foi composta por 36 mulheres. A tabela 1 mostra as faixas etárias das entrevistadas, sendo que 14 eram mães.

Tabela 1: Faixas etárias das entrevistadas (N=36)

Faixas etárias	Entrevistadas	Porcentagem
18 – 29	18	50%
30 – 39	6	16,7%
40 – 49	8	22,2%
50 – 59	4	11,1%
Total	36	100%

A tabela 2 revela os níveis de escolaridade das entrevistadas, sendo que entre as 19 com ensino médio completo, 11 eram graduandas de cursos da área de Ciências Biológicas, 4 de Ciências Humanas e 4 não estudavam no momento da pesquisa. Entre as 13 que possuíam o ensino superior completo, 4 eram graduadas em cursos de Ciências Biológicas, 6 de Ciências Humanas e 3 de Ciências Exatas.

Tabela 2: Níveis de escolaridade (N=36)

Escolaridade	Entrevistadas	Porcentagem
Fundamental completo	4	11,1%
Médio completo	19	52,8%
Superior completo	13	36,1%
Total	36	100%

Uma das entrevistadas residia em Brisbane (Austrália), 1 em Oizumi (Japão) e 34 no interior do estado de São Paulo.

A primeira pergunta abordava o interesse das entrevistadas em levar a placenta para a casa, caso tivessem um filho em hospital ou sala de parto, sendo que 10 participantes (27,7%) responderam afirmativamente. A seguir estão transcritas as respostas das mesmas.

“Eu gostaria sim, mas eu gostaria de trazer e fazer um desenho. Sabe, quando você bota a placenta na folha e faz um desenho com ela? Eu faria isso.”

“Eu ia querer trazer pra casa pra enterrar, como minha família fazia. Sempre enterravam a placenta depois que a criança nascia.”

“Uma de minhas amigas levou e disse que colocou em um pote. Eu perguntei o que ela ia fazer com a placenta e ela disse que não sabia. Eu já vi pessoas que fazem pintura com a placenta e, se eu tivesse um parto domiciliar, eu faria isso. Acho bonito.” (entrevistada reside na Austrália).

“Sei que pode guardar a placenta porque pode servir pra tratar algumas doenças. Se eu estudasse, me aprofundasse bastante, talvez eu trouxesse porque poderia ajudar a criança se tivesse algum problema ou ajudar outras crianças. Pensando nisso, eu traria.”

“Minha filha era prematura e o parto foi de urgência. Minha placenta foi descartada, não me deram nenhuma opção. Eu gostaria de ter trazido pra casa porque é algo único. No meu caso, não vou poder ter outro filho, então era algo que eu poderia usar para eternizar o nascimento dela.”

“Talvez eu trouxesse para a casa porque agora, com a tecnologia, deve ter coisa boa nela, é bem curiosa a ideia.”

“Não tenho certeza se traria para a casa porque não sei como funciona a conservação dela, mas se soubesse como conservar em casa, eu gostaria de trazer e fazer alguma coisa com ela.”

“Eu gostaria de trazer porque eu sei que algumas pessoas comem a placenta, né? Fazem algum tipo de comprimido e consomem, porque elas acreditam que tem mais colágeno.”

“Eu acredito que com a placenta pode ser feito creme cosmético, mas eu gostaria de trazer e comer frita.”

“Se eu pudesse eu trazia pra casa pra enterrar. Minha mãe teve filhos em casa e ela falava que a parteira enterrava a mãe do corpo e em cima plantava uma planta que era pra criança crescer bem, mas os meus filhos também cresceram bem.”

Por meio da segunda pergunta, procurou-se identificar se as entrevistadas possuíam algum conhecimento prévio sobre a placentofagia humana e se elas consumiriam a própria placenta.

Entre as 36 participantes, apenas 4 (11,1%) declararam não ter nenhum conhecimento sobre o tema. Duas (5,5%) relataram ter obtido informações em aulas em curso superior, 2 (5,5%) citaram filmes como fonte e 28 (77,8%) afirmaram ter conhecido a prática por meio de redes

sociais. Destas últimas, 11 (39,3%) mencionaram relatos de pessoas públicas, as conhecidas “pessoas famosas” que consumiram a própria placenta.

A seguir, apresentam-se as respostas das 4 participantes que afirmaram não possuir conhecimento sobre a prática.

“Até ver o tema da pesquisa de vocês, eu não tinha ouvido falar que gente comia placenta. Eu sei que animais comem pra limpar os filhotes, deixar tudo limpinho, mas gente eu nunca tinha ouvido falar.”

“Nunca ouvi falar sobre isso, já vi cachorra fazer isso, mas nunca ouvi falar sobre gente.”

“Eu já sabia que cadelas comem as placenta depois que os filhotes nascem, mas nunca tinha ouvido falar que mulheres também comem.”

“Eu nunca ouvi falar... que horror!”

A seguir, as respostas daquelas que falaram de “pessoas famosas” que ingeriram a própria placenta.

“Já ouvi falar em mulheres famosas que comeram a placenta, mas também ouvi sobre uma que enterrou a placenta porque, por ter nutrientes, seria bom para a planta que plantou no lugar.”

“Acho que foi pelo Instagram que vi Fernanda Lima e Rodrigo Wilbert comendo.”

“Olha ... Eu já vi que a Bela Gil, a irmã da Preta Gil, comeu pedaço da placenta dela.”

“Já ouvi falar de mulheres que comeram a placenta sim. A Bela Gil, filha do Gilberto Gil, comeu a placenta do filho dela, comeu crua mesmo, mas também já vi uma mulher que fez cápsulas da placenta e engolia uma por dia. Foram 60 ou 90 cápsulas, não me lembro bem.”

“Sim, já vi no YouTube sobre mulheres famosas que comeram pedaços de placenta e já li em artigos científicos também.”

“Já ouvi falar de uma famosa que fez cápsulas e comeu.”

“Pela internet vi quando houve uma polêmica sobre uma famosa que comeu a placenta por algum benefício ... Acho que era por ser muito nutritivo, muito bom pra saúde.”

“Já vi vários casos, vários casos mesmo, mas um, que acho que todo mundo sabe, é a filha do Gilberto Gil que comeu e disse que não tem problema comer, que tem bastante nutrientes.”

“Já ouvi falar nas redes de uma famosa que comeu e hoje elas mandam encapsular, tem toda uma tecnologia por traz.”

“Há muito tempo atrás teve uma polêmica de uma famosa que comeu a placenta da própria filha e aí teve a dissipaçāo dessa prática.”

“Já ouvi falar de famosos da televisão que comeram placenta.”

Quanto ao desejo de consumir a própria placenta, 29 (80,5%) afirmaram que não desejariam realizar tal prática, enquanto 7 (19,4%) relataram que sim, consumiriam. A seguir, apresentam-se as respostas dessas ultimas.

“Eu não comeria crua, mas em uma receita eu comeria sim.”

“Se eu tivesse outro filho, de parto normal ou humanizado, e tivesse a oportunidade, eu consumiria sim.”

“Eu acho que por conta dos benefícios, sim.”

“Não comeria crua, mas tomaria cápsulas. Seria como qualquer outro medicamento.”

“Se eu soubesse realmente que tem dado bons sobre comer placenta, eu comeria.”

“Eu gostaria de consumir sim, nem que fosse somente alguns pedaços. Afinal de contas, se ficou dentro do meu útero e foi importante para meu filho, que mal faria a mim?”

“Eu gostaria de comer crua, logo depois do parto.”

A terceira pergunta investigou o conhecimento das entrevistadas sobre as formas de consumo da placenta e se, no caso de terem um filho, desejariam ou não consumi-la.

Entre as 36 entrevistadas, 11 (30,5%) acreditavam que a placenta poderia ser consumida somente in natura, 11 (30,5%) disseram que o consumo se dá através de capsulas, 5 (13,9%) citaram a forma cozida, 3 (8,3%) indicaram o consumo frito, 1 (2,8%) relatou a possibilidade de preparo em forma de suco de placenta associado a frutas e 1 (2,8%) descreveu o consumo por meio de imersão em água quente. Quatro (11,1%) participantes não souberam responder.

A quarta questão versava a opinião das entrevistadas acerca de possíveis benefícios associados ao consumo da placenta. Do total, 22 (61,1%) afirmaram não existir nenhum tipo de benefício, enquanto 14 (38,9%) manifestaram acreditar em sua existência. Seguem as respostas das participantes que atribuíram aspectos positivos a essa prática.

“Eu acredito que tenha algum benefício sim. Eu acho que ela pode ajudar a repor nutrientes para a mãe.”

“Sim. Eu acho que pode trazer algum benefício para a mulher, mas nunca pesquisei a fundo sobre isso.”

“Acho que tem uma lógica comer a placenta, dizem que tem coisas boas nela. Quando eu vi o vídeo sobre as pessoas que comem, vi uma mulher falando que traz benefícios, não me lembro bem quais são. Mas acredito que tenha benefícios sim.”

“Acredito que traga benefícios porque se faz bem para um feto, acho que faz bem para um adulto também.”

“Que tem algum benefício, com certeza tem, porque se não o pessoal não comeria. Não sei se tem algo a ver com medula ... sei que traz benefícios, mas especificar não sei.”

“Acredito sim, que pode trazer benefício para a mulher. Aumenta a quantidade de leite, ajuda no bem estar físico e até li que ajuda na depressão depois do parto. Acredito que seja de efeito benéfico sim.”

“Pela crença pessoal da mãe, acredito que possa gerar um bem estar mental para ela, então tem benefício.”

“Eu não tenho tanto conhecimento assim, mas acho que na placenta deve ter uma concentração de nutrientes muito grande pra desenvolver o feto, então acho que se esses nutrientes continuarem numa quantidade boa depois que sai do corpo da gestante, acredito que seja benéfico para ela comer. Os nutrientes seriam bons para a mãe.”

“Eu acredito que seja bom. Já ouvi falar alguma coisa voltada a colágeno ou para algum tipo de regeneração, mas não sei direito.”

“Eu acho que tenha benefício sim. A absorção de ferro seria maior para a mulher comendo a própria placenta porque é uma área que tem bastante fluxo de sangue.”

“Eu acredito que tenha benefícios porque a placenta é rica em vários componentes. Acho que seja benéfico.”

“Eu acho que na placenta tem proteínas, hormônios, coisas que talvez ajudem a mãe depois do parto. Acho que a natureza mostra isso através de cachorras, gatas e outras fêmeas que comem as placenta e não faz mal a elas, pelo contrário, parece fazer bem. Eu nunca me posicionei contra essas ideias porque, daqui a pouco, vem a ciência e comprova o contrário de muitos que acham a ideia absurda. Eu sou aberta a novas descobertas.”

“A minha mãe falava que as índias tinham os bebês, viam que eles estavam bem e depois que a placenta saía elas comiam ali mesmo, na beira do rio onde tinham os bebês. Então, se tem índia que come é porque traz algum benefício. Também as cachorras, as gatinhas ... minha mãe falava que elas comiam pra limpar os filhotinhos e porque seria o próprio medicamento delas. Mas eu também acho que a placenta pode ser usada pra fazer creme cosmético. Eu acho que os hospitais devem investir na doação de placenta depois de saber se a mãe não tem nenhum problema de saúde. Tipo assim, vai para a maternidade e assina um termo de doação da placenta. Eu penso que a placenta é rica em proteínas e vitaminas e eu acho que deve ser boa para a pele, cabelo. Eu acho que tem algum benefício.”

“Eu acho que sim. Eu vejo que cachorras e gatas comem a placenta e até o cordãozinho e limpa bem os filhotinhos e não faz mal pra elas. Eu acho que deve fazer algum bem pra elas, se não elas não comiam. Eu acho que também deve fazer algum bem pra mulher que come, mas eu não sei dizer que bem faz, mas deve fazer.”

Discussão

Sabe-se que em diversas culturas, ao longo da história, a placenta foi e é vista como algo que vai além de um órgão temporário necessário ao desenvolvimento fetal, no que diz respeito a oxigenação, nutrição, excreção e outras funções fisiológicas. Para inúmeras mulheres a placenta possui um valor sentimental intimamente ligado a vida do filho.⁸

Na análise dos resultados deste estudo pode-se observar que 27,7% das mulheres demonstraram o desejo de levar a placenta para a casa, caso tivessem filhos em hospital ou sala

de parto. Há aquelas que veem na placenta algo único que poderia eternizar o nascimento do filho, e também há mulheres que levariam o órgão para que fosse enterrado, seguindo a prática e tradição de seus antepassados.

Estudo realizado com mulheres indígenas do povo Kukama Kukamiria da Amazonia peruana, revelou que tanto o período gestacional, quanto o parto e puerpério de tais mulheres, são acompanhados por ações e costumes transmitidos de uma geração a outra, e a placenta tem uma representação simbólica e até mesmo sagrada. Para elas, a placenta é uma vida que dá vida a outro ser, ou seja, sem a placenta não haveria uma nova criança. A placenta é parte integrante da criança, de sua família e, consequentemente, do povo Kukama Kukamiria. Por este motivo, a placenta é enterrada pelo pai da criança, cujo simbolismo e significado são direcionados a proteção e força ao novo integrante da família, bem como a saúde da mãe.⁸

Assim como indígenas respeitam a placenta e promovem a ela um descarte envolto em valor significativo, pessoas de outras culturas também podem demonstrar interesse em descartar o órgão com rituais ou práticas específicas. Como exemplo, há o ato de enterrar a placenta e, sobre ela, plantar uma árvore frutífera. Tal gesto carrega em si o significado de que a árvore receberá nutrientes da placenta, assim como aconteceu com a criança dentro do útero, ou seja, a árvore simboliza a criança.⁹

Além das mulheres que, por valor cultural ou sentimental, optam em levar a placenta para a casa para enterra-la, há aquelas que anseiam por pintura realizada a partir de imagem feita com o órgão, o que ficou conhecido como “pintura ou carimbo da árvore da vida”, pintura esta que, na visão delas, eterniza o nascimento do filho.

Para a realização da pintura ou carimbo da árvore da vida, uma enfermeira ou doula coloca a placenta sobre uma superfície plana, retira o excesso de sangue da face fetal e a colore. Depois coloca sobre ela um papel ou uma tela para quadro e a pressiona delicadamente. No papel ou tela permanece o conhecido carimbo da placenta que, normalmente, se assemelha a copa de uma árvore, sendo que o cordão umbilical simboliza o caule.¹⁰

Dessa forma, observa-se que são vários os motivos que despertam na mulher o desejo de levar a placenta para a casa depois do parto e não somente a prática da placentofagia.

Sobre tal prática, 77,8% das entrevistadas do presente estudo afirmaram ter obtido conhecimento por meio de redes sociais e, dessas, 39,3% mencionaram pessoas públicas que consumiram a própria placenta.

As pessoas públicas, conhecidas como “pessoas famosas”, que ingerem a própria placenta e depois divulgam o ato em redes sociais, tem aguçado a curiosidade de mulheres podendo, de certa forma, incentivar-las ao consumo do órgão.

Nos Estados Unidos e Reino Unido, pessoas públicas associadas a cobertura da mídia aumentam a visibilidade em torno da placentofagia humana. No Brasil, o interesse tem crescido, principalmente por meio de redes sociais e de influenciadores digitais.¹¹

Desse modo, nota-se ser de suma importância que as instituições de saúde adotem condutas criteriosas no que diz respeito a liberação da placenta para a casa.

No Brasil ainda não há regulamentação sobre o assunto e, por este motivo, as instituições de saúde tem aplicado o entendimento da Agencia Nacional de Vigilância Sanitária, entendimento este que diz que, a partir do momento que a família solicita a placenta, a mesma deixa de ser um resíduo de serviço de saúde.¹²

Quanto ao desejo de consumir a própria placenta, somente 19,4% das entrevistadas disseram que sim, que desejariam consumir o órgão.

Em contrapartida, estudo realizado nos Estados Unidos a partir da análise de 23.242 prontuários de mulheres que planejaram partos comunitários, verificou que 30,8% praticaram a placentofagia, crendo em seus possíveis benefícios na prevenção da depressão pós-parto.¹³

Quando se fala em forma de consumo da placenta, observa-se que a maioria das mulheres se divide opinando pela forma in natura e pela forma encapsulada.

O encapsulamento da placenta tem se tornado uma forma popular de preparo para o consumo. Um estudo que avaliou a concentração de hormônios salivares de mulheres que ingeriram placenta encapsulada no início do pós-parto, em comparação àquelas que receberam placebo, mostrou diferenças modestas, porém significativas, nos perfis hormonais entre os grupos.¹⁴

É fato que ainda há muito a ser estudado sobre os possíveis benefícios ou malefícios que envolvem a placentofagia humana, contudo, o presente estudo mostra que há mulheres que acreditam que o ato de ingerir placenta pode ser benéfico, quer seja in natura, quer seja encapsulada ou sob outra forma. Relacionam os possíveis benefícios ao aumento na produção de leite materno, à prevenção da depressão pós-parto, ao fornecimento de nutrientes e vitaminas à mãe e até mesmo a aumento de absorção de ferro pelo organismo materno.

Vários estudos têm abordado a prática, porém ainda não existem evidências científicas consistentes que comprovem seus efeitos benéficos. A literatura discute potenciais benefícios em níveis endócrinos, nutricionais e analgésicos, como aumento da produção do leite materno e diminuição da depressão e fadiga no puerpério. Por outro lado, também são relatados efeitos adversos, incluindo infecções bacterianas ou virais, alterações hormonais e presença de oligoelementos com potencial toxicidade para a mulher e até mesmo para o recém-nascido.¹⁵

Estudo realizado com mulheres com histórico de transtorno de humor não encontrou evidências de que a ingestão da placenta no pós-parto melhore o humor, aumente a energia, favoreça a lactação ou eleve os níveis plasmáticos de vitamina B₁₂.¹⁶

As evidências científicas sobre a placentofagia ainda são limitadas e controversas. Persistem lacunas importantes a serem esclarecidas e, para que se possa confirmar ou rejeitar os achados já descritos, são necessários novos estudos, metodologicamente rigorosos e bem controlados, que avaliem de forma consistente os efeitos reais da prática na saúde materna.¹⁷

É essencial reconhecer as limitações do presente estudo, como o tamanho e o recorte geográfico da amostra, a qual foi relativamente pequena e predominantemente do interior do estado de São Paulo, o que pode introduzir vieses sociais e culturais na interpretação das opiniões. A entrevista realizada com poucas perguntas também limita a profundidade da análise.

Dessa forma, para avançar no tema, sugere-se novas pesquisas que ampliem o tamanho da amostra e incluam diferentes contextos geográficos e culturais e avaliem de forma mais consistente a visão de mulheres sobre a prática da placentofagia.

Conclusão

Pode-se concluir que, em relação ao ato de ter consigo a placenta depois do parto, há mulheres que desejariam tê-la, mas não para a prática da placentofagia. Embora a maioria das entrevistadas tivesse conhecimento sobre a placentofagia humana, bem como sobre as formas de consumo in natura e em cápsula, a minoria afirmou que consumiria a própria placenta. Além disso, a maioria das participantes não acredita na existência de benefícios associados a prática da placentofagia.

Referências

- 1 Botelle R, Willott C. Nascimento, atitudes e placentofagia: uma análise temática do discurso de discussões em fóruns de parentalidade no Reino Unido. *BMC Gravidez Parto*. 2020;20(1): 134. DOI: 10.1186/s12884-020-2824-3
- 2 Santana FLP, Santos MJ, Carvalho RR, Chofakian CBN. Efeitos da placentofagia no puerpério: uma revisão integrativa. *Rev. de Enf. UFPE online*. 2024;18:e257801. DOI: 10.5205/1981-8963.2024.257801
- 3 Stanley C, Baillargeon A, Selk A. Compreendendo a placentofagia. *Rev. de Enf. Obstétrica, Ginecológica e Neonatal*. 2019;48(1):37-49. DOI: 10.1016/j.jogn.2018.10.002
- 4 Farr A, Chervenak FA, McCullough LB, Baergen RN, Grunbaum A. Placentofagia humana: uma revisão. *Rev. Americana de Obstetrícia e Ginecologia*. 2018;218(4):401-11. DOI: 10.1016/j.ajog.2017.08.016
- 5 Corrêa RRM, Salge AKM, Ribeiro GA, Ferraz MLF, Reis MA, Castro ECC, et. al Alterações anatomo-patológicas da placenta e variações do índice de Apgar. *Rev. Brasileira Saúde Materna Infantil*. 2006;6(2):239-43. DOI: [10.1590/S1519-38292006000200012](https://doi.org/10.1590/S1519-38292006000200012)
- 6 Graham J, Burton MD, Jauniaux E. O que é a placenta? *Rev. Americana de Obstetrícia e Ginecologia*. 2015;213(4):6-8. DOI: 10.1016/j.ajog.2015.07.050
- 7 Nazari EM, Müller YMR. Embriologia humana. Universidade Federal de Santa Catarina. Biologia licenciatura a distância. Universidade Aberta do Brasil. Florianópolis: Ministério da Educação; 2011.199p.

8 Yajahuanca RSA, Fontenele CV, Sena BF, Diniz SG. Parto no posto de saúde ou em casa: uma análise da assistência ao parto entre as mulheres Kukamas Kukamirias do Peru. Rev. de Crescimento e Desenvolvimento Humano. 2013;23(3):322-330. ISSN 0104-1282

9 Moeti C, Mulaudzi FM, Rasweswe MM. O descarte de placenta entre grupos indígenas em todo o mundo: uma revisão integrativa da literatura. Rev. Internacional de Medicina Reprodutiva. 2023;4(1):1-10. DOI: [10.1155/2023/6676809](https://doi.org/10.1155/2023/6676809)

10 Moscardini S. Print de placenta. Caderno de Física UEFS. 2022;20(1):1-2. DOI: [10.13102/cadfsuefs.v20i01.9273](https://doi.org/10.13102/cadfsuefs.v20i01.9273)

11 Fialho VA, Santos GG, Aguiar CA, Mattos DV. Conhecimento de mulheres sobre a prática de placentofagia: revisão de escopo. Rev. Brasileira de Saúde Materno Infantil. 2025;25:(1):1-9. DOI: [10.1590/1806-9304202500000231](https://doi.org/10.1590/1806-9304202500000231)

12 Navas AP, Rodrigues Filho LF. O direito a partes separadas do corpo humano vivo: questões legais e éticas. Rev. de Biodireito e Direito dos Animais. 2018;4(2):99-117.

13 Benyshek DC, Cheyney M, Brown J, Bovbjerg ML. Placentofagia entre mulheres que planejam partos comunitários nos Estados Unidos: frequência, justificativa e resultados neonatais associados. Rev. Nascimento: Questões no Cuidado Perinatal. 2018;45(4):459-68. DOI: [10.1111/birt.12354](https://doi.org/10.1111/birt.12354)

14 Young SM, Gryder LK, Cross C, Zava D, Kimball DW, Benyshek DC. Efeitos da placentofagia nos hormônios salivares maternos: um estudo piloto, parte 1. Rev. Women Birth. 2018;31(4):245-57. DOI: [10.1016/j.wombi.2017.09.023](https://doi.org/10.1016/j.wombi.2017.09.023)

15 Beacock M. Comer placenta oferece benefícios a saúde pós-parto? Rev. Britânica de Obstetrícia. 2013;20(7):464-69: DOI: [10.12968/bjom.2012.20.7.464](https://doi.org/10.12968/bjom.2012.20.7.464)

16 Morris E, Slomp C, Hippman C, Inglis A, Carrion P, Batallones R, et al. Um estudo de coorte pareado sobre placentofagia pós-parto em mulheres com histórico de transtornos de humor: nenhuma evidencia de impacto no humor, energia, níveis de vitamina B12 e lactação. Jor. de obstetrícia e ginecologia do Canadá. 2019;14(9):1330-7. DOI: [10.1016/j.jogc.2019.02.004](https://doi.org/10.1016/j.jogc.2019.02.004)

17 Rojas DM, Orihuela A, Strappini A, Garcia DV, Napolitano F, Medina, PM, et al. Consumo de placenta materna em humanos e mamíferos não humanos: efeitos benéficos e adversos. Rev. Animais. 2020;12(10):2398. DOI: [10.3390/ani10122398](https://doi.org/10.3390/ani10122398)